



IWILLNOTLOOKAWAY.ORG

S É R I E

As escolhas da Europa

Todas as peças da série num único documento, por ordem de leitura. Atualizado a 15 de outubro de 2026.

As escolhas dos dirigentes europeus medidas pelos factos: de quem depende a energia, o que resta do mercado com a Rússia, como se chegou à guerra na Ucrânia. Em cada peça os factos estão separados da nossa avaliação.

ÍNDICE

1. A Europa deixou de depender de Moscovo. De quem depende agora?
 2. O mercado euro-russo que preocupava Washington: o que dizem os números
 3. De 1990 a 2022: como se chegou à guerra na Ucrânia
-

A Europa deixou de depender de Moscovo. De quem depende agora?

EM SÍNTESE

- Em 2021 a Rússia fornecia mais de 45% do gás importado pela União Europeia; em 2025, cerca de 13%.
- Hoje o maior fornecedor é a Noruega, com cerca de 30%. Os Estados Unidos fornecem 58% do gás liquefeito, ou seja, cerca de um quarto de todo o gás consumido na Europa.
- As famílias europeias pagam em média o gás quase o dobro do que no início de 2021: de 6,4 para 12,3 cêntimos por kWh.
- Em 2025 o gás liquefeito norte-americano foi, em média, o mais caro dos que a Europa comprou.
- A 9 de outubro Trump suspendeu até abril de 2027 as sanções sobre o gasóleo russo.
- O julgamento pela sabotagem do Nord Stream começa em Hamburgo a 14 de outubro.

A Europa entra no inverno com as reservas de gás mais baixas em quase vinte anos: no fim de agosto os armazenamentos estavam cheios a cerca de 63% ([Oilprice, 27/8/2026](#), com dados da Gas Infrastructure Europe). O gás do Catar, bloqueado em Ormuz, quase desapareceu (ver [a crise de Ormuz](#)).

Esta parte da crise a Europa sofreu-a. Mas a sua fragilidade perante um choque destes nasce de uma escolha feita há quatro anos. Este é o primeiro texto de uma série sobre as grandes escolhas dos dirigentes europeus: em cada uma perguntamos o que foi decidido, que alternativas havia, quanto custou e o que funcionou.

A ESCOLHA DE 2022

Depois da invasão da Ucrânia, a União decidiu sair do gás russo. A escolha não foi totalmente livre. No verão de 2022 foi Moscovo que reduziu o fluxo do Nord Stream a um quinto da capacidade ([Bloomberg, 25/7/2022](#)), e em setembro o gasoduto foi destruído.

A saída está agora escrita num regulamento, o 2026/261 ([EUR-Lex](#)). Os contratos curtos já estão proibidos: desde 25 de abril de 2026 para o gás liquefeito e desde 17 de junho para o gás por gasoduto. Os contratos longos terminam a 1 de janeiro de 2027 para o gás liquefeito e a 30 de setembro de 2027 para o gás por gasoduto.

A questão é como esse gás foi substituído. Em 2021 a Rússia pesava mais de 45% das importações europeias; em 2024, 19%; em 2025, cerca de 13%, segundo o comissário da Energia Dan Jørgensen ([ANSA via Il Nordest, 24/4/2025](#)). Hoje o maior fornecedor é a Noruega, com cerca de 30% ([Comissão Europeia, relatório trimestral sobre o gás, 2.º trimestre de 2025](#)). O resto chega sobretudo por navio, como gás liquefeito, e 58% desse gás vem dos Estados Unidos: cerca de um quarto de toda a procura europeia ([ACER, 2026](#)).

A dependência de Moscovo acabou; a do mar, e a de Washington, começou. Em julho de 2025, no acordo comercial com Trump, a União comprometeu-se também a comprar 750 mil milhões de dólares de energia norte-americana em três anos: um compromisso político, não vinculativo, que muitos analistas consideram irrealizável ([Oil & Gas 360, 28/7/2025](#)).

QUANTO PAGAMOS

O gás liquefeito é mais caro por natureza: tem de ser arrefecido, transportado e regaseificado. Mas há mais. No segundo trimestre de 2025 o gás nos Estados Unidos custava 13,7 euros por megawatt-hora; chegado à Europa, pagava-se 35,5 (Comissão Europeia, relatório citado). Nessa diferença estão os custos, e as margens de quem vende. Segundo o IEEFA, em 2025 o gás liquefeito norte-americano foi em média o mais caro para os compradores europeus, à frente do Catar e do russo; de 2022 a 2025 a União comprou-o no valor de 131,5 mil milhões de euros ([IEEFA, European LNG Tracker](#)). O IEEFA é um instituto norte-americano sem fins lucrativos, financiado por fundações filantrópicas, que declara apoiar a transição para as energias limpas.

Na fatura, a média europeia para as famílias, impostos incluídos, é esta:

	1.º semestre de 2021	2.º semestre de 2025
Preço médio do gás para as famílias na UE (cêntimos por kWh)	6,4	12,28
Exemplo: uma casa que consome 10 000 kWh por ano	cerca de 640 €	cerca de 1230 €

Fontes: [Eurostat, 5/5/2026](#) para 2025; dado do Eurostat de 2021 citado pela [Euronews, 26/2/2026](#). O exemplo é um cálculo nosso sobre um consumo indicativo; as diferenças entre países são

muito grandes.

O preço quase duplicou, e os dados do fim de 2025 ainda não incluem a guerra do Golfo: entre fevereiro e abril de 2026 o gás nas capitais europeias subiu mais 6,8% ([Euronews, 14/5/2026](#), índice HEPI). Deve dizer-se, porém, que os preços grossistas já tinham começado a disparar na segunda metade de 2021, meses antes da invasão, com a retoma após a pandemia ([Banco Mundial, série mensal](#)): a crise não nasce apenas das escolhas europeias.

ENQUANTO WASHINGTON NEGOCEIA COM MOSCOVO

A Europa fixou uma data para renunciar ao gás russo e, até lá, continua a comprá-lo; o seu principal aliado segue na direção oposta. A 9 de outubro Trump anunciou um acordo com Putin para receber gás russo: mais de 300 000 toneladas de imediato e depois quantidades crescentes até alguns milhões. O Tesouro norte-americano emitiu uma licença que suspende até abril de 2027 as sanções sobre o gás russo já carregado nos navios ([OPB, 9/10/2026](#)). Zelensky chamou-lhe “uma decisão fraca” de parceiros fortes.

A 8 de outubro a Reuters noticiou que o enviado Jared Kushner e Kirill Dmitriev, conselheiro de Putin, discutiram a entrada de um investidor norte-americano no Nord Stream ([Reuters via WHBL, 8/10/2026](#)). A Casa Branca diz que o assunto não foi discutido recentemente; Berlim afirma que uma reabertura “não é desejada”. Os gasodutos estão sob sanções europeias: à luz do direito da União, um reinício continuaria a ser ilegal, decida Washington o que decidir.

QUEM DESTRUIU O NORD STREAM

A 14 de outubro começa em Hamburgo o julgamento de Serhii Kuznietsov, cidadão ucraniano extraditado de Itália, acusado de ter liderado o grupo de sete pessoas que colocou as cargas. Segundo os investigadores alemães, a ordem terá partido de uma agência do Estado ucraniano, para privar Moscovo das receitas do gás. Kyiv nega; Zelensky disse que não sabia de nada ([JusticeInfo](#)). Um segundo suspeito, Volodymyr Zhuravliov, foi detido na Croácia em agosto, depois de um tribunal polaco ter recusado a sua extradição ([LIGA, 19/8/2026](#)). As hipóteses que circularam nestes anos e que apontavam para os Estados Unidos ou para a própria Rússia não foram confirmadas por nenhuma investigação judicial. As acusações, em todo o caso, ainda têm de ser provadas em tribunal.

O QUE FUNCIONOU

Em 2022 muitos previam racionamentos e fábricas fechadas. Não foi assim: a Europa substituiu a maior parte do gás russo em três anos e deixou de estar sujeita à chantagem de um fornecedor

que usava os abastecimentos como arma. É um resultado real. O preço foi uma fatura quase duplicada e uma nova dependência, mais cara e mais exposta a crises distantes.

A NOSSA AVALIAÇÃO

Sair do gás russo era uma escolha defensável: nenhum país deveria confiar o aquecimento das suas casas a quem acabou de invadir um vizinho. O erro foi fazê-lo sem construir uma autonomia verdadeira. A Europa mudou de fornecedor, não de condição. Ligou um quarto do seu gás a um só país, prometeu comprar-lhe ainda mais, e descobre agora que esse país negocia com Moscovo por conta própria, sobre o gasóleo e talvez sobre o Nord Stream, enquanto quem paga a fatura são as famílias europeias. Dirigentes capazes de escolher, numa época de transição, deveriam ter-se perguntado não só a quem deixar de comprar, mas de quem nunca mais depender tanto.

Atualização, 11 de outubro de 2026. Segundo a organização alemã [Urgewald](#), com dados da empresa de análise Kpler, entre janeiro e setembro de 2026 os portos da União receberam 12,18 milhões de toneladas de gás liquefeito russo do projeto ártico Yamal: mais 9,5% do que no mesmo período de 2025, um recorde. 85% das entregas de Yamal acabam na Europa; em setembro, quase três quartos das que chegaram à União foram descarregadas em França, em Dunquerque e Montoir ([Euronews](#)). A Urgewald estima o seu valor em cerca de 7,9 mil milhões de euros, mas avisa que se trata de um cálculo com base nos preços de mercado, e não da soma dos pagamentos efetivos nem das receitas do Estado russo. No terceiro trimestre as entregas caíram 13,6% em termos homólogos. As compras são legais: os contratos curtos estão proibidos desde abril e os longos estarão a partir de 1 de janeiro de 2027. Por isso corrigimos a frase que abria a secção «Enquanto Washington negocia com Moscovo», segundo a qual a Europa «renuncia» ao gás russo: fá-lo-á, mas por agora continua a comprá-lo.

Atualização, 15 de outubro de 2026. O julgamento começou a 14 de outubro no Tribunal Regional Superior de Hamburgo e deverá durar até ao início de 2027. Segundo a acusação, Kuznietsov e outros militares ucranianos terão agido por ordem de agências do Estado ucraniano; o arguido nega e não falou em tribunal ([Courthouse News](#)). A defesa sustenta que não há provas do seu envolvimento e, ao mesmo tempo, que o gasoduto era um alvo militar legítimo, «uma arma nas mãos dos russos». O tribunal terá portanto de decidir se se tratou de um ataque a uma infraestrutura civil, proibido pelo direito da guerra, ou de uma ação militar. Segundo a BBC, em setembro de 2022 Kuznietsov estava no ativo nas forças armadas

ucranianas ([LIGA, segundo a BBC](#)). A Procuradoria-Geral da Ucrânia diz não ter encontrado provas de um envolvimento do Estado ([Kyiv Independent](#)).

O QUE ACOMPANHAR

- Os níveis de armazenamento a 1 de novembro e o julgamento de Hamburgo, a partir de 14 de outubro.
- As entregas de gásóleo russo aos Estados Unidos e as conversações sobre o Nord Stream e a Lukoil.
- Os dados do Eurostat sobre as faturas do primeiro semestre de 2026, esperados no fim de outubro.

Fontes: [Oilprice, 27/8/2026](#) · [Bloomberg, 25/7/2022](#) · [EUR-Lex](#) · [ANSA via Il Nordest, 24/4/2025](#) · [Comissão Europeia, relatório trimestral sobre o gás, 2.º trimestre de 2025](#) · [ACER, 2026](#) · [Oil & Gas 360, 28/7/2025](#) · [IEEFA, European LNG Tracker](#) · [Eurostat, 5/5/2026](#) · [Euronews, 26/2/2026](#) · [Euronews, 14/5/2026](#) · [Banco Mundial, série mensal](#) · [OPB, 9/10/2026](#) · [Reuters via WHBL, 8/10/2026](#) · [JusticeInfo](#) · [LIGA, 19/8/2026](#) · [Urgewald, 9/10/2026](#) · [Euronews, 9/10/2026](#) · [Courthouse News, 14/10/2026](#) · [LIGA, segundo a BBC, 10/10/2026](#) · [Kyiv Independent, 9/7/2026](#)

O mercado euro-russo que preocupava Washington: o que dizem os números

EM SÍNTESE

- O comércio entre a União Europeia e a Rússia atingiu o máximo em 2012 e depois desceu: em 2021, antes da invasão, já era quase um quarto mais baixo.
- Em 2021 a Rússia era o quinto mercado para as mercadorias europeias; 62 % do que a Europa comprava a Moscovo era energia.
- Os Estados Unidos opuseram-se abertamente ao Nord Stream 2, com sanções em 2019 e com a promessa de Biden de 7 de fevereiro de 2022.
- Hoje a União absorve mais de metade do gás liquefeito norte-americano, e 58 % das armas importadas pelos países europeus da NATO vêm dos Estados Unidos.
- No mesmo período, a Europa voltou a vender armas à Arábia Saudita e chamou «fiável» ao gás do Azerbaijão.

UMA TESE QUE REGRESSA

No debate público, em Itália e não só, regressa muitas vezes uma ideia: antes da guerra estava a nascer um grande mercado entre a Europa e a Rússia, a indústria europeia unida às matérias-primas russas. Uma perspetiva que teria retirado peso aos Estados Unidos, e que Washington teria tido interesse em travar.

A ideia tem uma parte verdadeira e uma parte que os números não confirmam. Aqui separamo-las. É a terceira peça da série sobre as escolhas dos dirigentes europeus, depois da dedicada à [energia](#).

O SONHO «DE LISBOA A VLADIVOSTOK»

O projeto tem data. A 25 de novembro de 2010, Vladimir Putin, então primeiro-ministro, propôs num jornal alemão um grande espaço económico «de Lisboa a Vladivostok», com uma zona de comércio livre ([Moscow Times, 25/11/2010](#)).

Berlim respondeu com prudência: Angela Merkel disse partilhar a ideia, mas que a Rússia não se estava a mover nessa direção ([AFP via bilaterals.org](#)). O projeto nunca passou das declarações.

E o dólar? Em 2019 a Rosneft, a maior petrolífera russa, passou do dólar para o euro em todos os contratos de exportação, para se proteger das sanções norte-americanas ([High North News](#), [segundo a Reuters](#)).

O QUE DIZEM OS NÚMEROS

Comércio de mercadorias UE-Rússia (mil milhões de €)	2002	2012	2021	2025
Importações da Rússia	61	204	158	27
Exportações para a Rússia	33	118	89	30

Fontes: [Eurostat](#), [7/3/2022](#) para 2012 e 2021; para 2002, dados do Eurostat citados pelo [Chronicle.lu](#); para 2025, dados do Eurostat Comext citados pelo [The Trade Hub](#), coerentes com os dados trimestrais do [Eurostat](#).

O comércio cresceu até 2012 e depois desceu com a crise da Crimeia, as primeiras sanções e a queda do petróleo. Em 2021 a Rússia representava 4,1 % das exportações europeias e 7,5 % das importações, e 62 % do que a Europa comprava a Moscovo era energia (Eurostat, citado).

Era uma relação importante mas simples: matérias-primas russas em troca de máquinas europeias. E antes da guerra já estava a encolher. O PIB russo, 1,83 biliões de dólares, era cerca de um décimo do da União, 17,3 biliões ([Banco Mundial via FRED](#)). Falar de um «império» económico em formação não encontra apoio nos dados.

QUEM TINHA INTERESSES CONTRÁRIOS

Os interesses norte-americanos, esses, estão documentados.

A 20 de dezembro de 2019 Trump assinou uma lei com sanções contra as empresas que instalavam o Nord Stream 2. Poucas horas depois, a empresa suíço-neerlandesa Allseas suspendeu os trabalhos ([Reuters via PGJ](#)). O governo alemão declarou rejeitar sanções «extraterritoriais» ([EUobserver](#)).

A 7 de fevereiro de 2022, ao lado do chanceler Scholz, Biden disse que em caso de invasão o Nord Stream 2 acabaria. Scholz evitou nomear o gasoduto ([CNBC](#), [7/2/2022](#)).

Depois de 2022, quem ganhou pode medir-se:

- Gás. Em 2025, 54 % do gás liquefeito exportado pelos Estados Unidos foi para a União, mais 63 % do que no ano anterior ([Banchero Costa via Hellenic Shipping News](#)). A peça

sobre a energia desta série mostrou a que preço.

- **Armas.** Entre 2021 e 2025 os Estados Unidos forneceram 58 % das armas importadas pelos países europeus da NATO ([SIPRI via Defense News, 9/3/2026](#)).

Quanto ao dólar, pelo contrário, a guerra não mudou a tendência. Em 1999 representava 71 % das reservas dos bancos centrais; hoje está nos 56,7 %, enquanto o euro subiu para 20,6 % ([FMI, 30/9/2026](#)).

UM INTERESSE NÃO É UMA CAUSA

Ter um interesse não significa ter provocado um acontecimento. A guerra em grande escala começou a 24 de fevereiro de 2022, quando as tropas russas entraram na Ucrânia. A 2 de março a Assembleia Geral da ONU exigiu a sua retirada com 141 votos a favor ([ONU, resolução ES-11/1](#)). A 16 de março o Tribunal Internacional de Justiça ordenou à Rússia que suspendesse as operações militares ([TIJ, despacho](#)). Como se chegou a esse dia, com as responsabilidades de todos, é o tema da [próxima peça](#).

A CONTA MORAL

Há um ponto em que a crítica à Europa se sustenta por inteiro. Enquanto renunciava à Rússia em nome dos princípios, a União estreitou outras relações com menos escrúpulos:

- A 18 de julho de 2022 a presidente da Comissão, Von der Leyen, assinou em Baku um acordo para duplicar o gás do Azerbaijão até 2027, chamando ao país um parceiro fiável ([Comissão Europeia, IP/22/4550](#)). Um ano depois o Azerbaijão tomou o Nagorno-Karabakh com uma ofensiva militar, e mais de cem mil arménios fugiram para a Arménia ([ACNUR, via Reuters](#)).
- A 31 de maio de 2023 a Itália levantou a proibição de vender bombas e mísseis à Arábia Saudita, decidida por causa da guerra no Iémen ([Reuters via The New Arab](#)).
- Em janeiro de 2024 a Alemanha retirou o veto aos Eurofighter para Riade, invocando a atitude saudita em relação a Israel depois do 7 de outubro ([AP via PBS](#)).

O QUE FUNCIONOU

O corte do comércio tirou a Moscovo a alavanca com que durante anos condicionara os governos europeus. Desde o segundo trimestre de 2025 a União tem um excedente comercial com a Rússia, pela primeira vez em mais de vinte anos ([Euronews, 30/8/2025](#); [Eurostat via Sofia Globe, 24/2/2026](#)). Uma Europa que em 2021 comprava a um só país 45 % do gás importado estava exposta a chantagem; hoje está muito menos.

A NOSSA AVALIAÇÃO

Esta secção exprime a posição do sítio. Está separada dos factos expostos acima.

Quem defende que os Estados Unidos tinham interesse em separar a Europa da Rússia tem razão: Washington disse-o e fê-lo, com as sanções ao Nord Stream e com a promessa de Biden. Quem defende que, por isso, a América «fez rebentar a guerra» confunde um interesse com uma causa, e apaga a escolha de quem mandou avançar os tanques. O mercado euro-russo não foi morto em 2022: tinha estagnado dez anos antes, quando Moscovo preferiu a Crimeia ao comércio livre.

Resta um facto que pesa mais do que as intenções. Qualquer que tenha sido a causa da guerra, o seu desfecho deixou a Europa sem alternativa e tornou-a mais dependente de Washington, que é o principal beneficiário. Mas a alternativa russa era, ela própria, uma dependência. Uma Europa soberana deveria ter construído uma autonomia própria, e não escolher entre dois senhores.

E há o duplo critério. A União rompeu com Moscovo em nome dos princípios, mas ao mesmo tempo voltou a vender armas a quem tinha bombardeado o Iémen e chamou fiável a um governo que um ano depois resolveria um conflito pelas armas. Princípios aplicados apenas ao inimigo do momento não são princípios: são conveniência.

O QUE ACOMPANHAR

- Os dados do Eurostat sobre o comércio com a Rússia em 2026 e o 23.º pacote de sanções.
- O compromisso de 750 mil milhões em energia norte-americana: quanto foi realmente comprado.
- A revisão da posição comum da UE sobre exportação de armas.

Fontes: [Moscow Times, 25/11/2010](#) · [AFP via bilaterals.org](#) · [High North News, segundo a Reuters](#) · [Eurostat, 7/3/2022](#) · [Chronicle.lu](#) · [The Trade Hub](#) · [Eurostat](#) · [Banco Mundial via FRED](#) · [Reuters via PGJ](#) · [EUobserver](#) · [CNBC, 7/2/2022](#) · [Banchero Costa via Hellenic Shipping News](#) · [SIPRI via Defense News, 9/3/2026](#) · [FMI, 30/9/2026](#) · [ONU, resolução ES-11/1](#) · [TIJ, despacho](#) · [Comissão Europeia, IP/22/4550](#) · [ACNUR, via Reuters](#) · [Reuters via The New Arab](#) · [AP via PBS](#) · [Euronews, 30/8/2025](#) · [Eurostat via Sofia Globe, 24/2/2026](#)

De 1990 a 2022: como se chegou à guerra na Ucrânia

EM SÍNTESE

- Em 1990 os líderes ocidentais prometeram de viva voz a Gorbachev que a NATO não se alargaria para leste. **Nunca o puseram por escrito.**
- A Rússia assinou várias vezes o **direito de cada Estado a escolher as suas alianças**, e em 1994 garantiu as fronteiras da Ucrânia.
- O confronto político começa por volta de 2007-2008. A rutura chega em 2013-2014, quando a Europa e a Rússia disputam a economia ucraniana.
- A extrema-direita ucraniana existia e estava armada, mas nunca passou dos 5 % nas eleições.
- A guerra no Donbass fez cerca de **14 300 mortos** em oito anos. Segundo o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, a Rússia controlava as zonas separatistas **desde maio de 2014.**

PORQUÊ ESTA PEÇA

A guerra em grande escala começa a 24 de fevereiro de 2022, mas a rutura entre a Europa e a Rússia vem de longe. A [peça anterior](#) distinguiu entre quem tinha interesse nessa rutura e quem a causou. Aqui pomos em ordem trinta anos, com uma regra: para cada facto incómodo para uma parte, procuramos também os incómodos para a outra, e damos a palavra primeiro aos tribunais e aos observadores internacionais, depois aos governos.

1990: A PROMESSA VERBAL

A 9 de fevereiro de 1990 o secretário de Estado norte-americano James Baker disse a Gorbachev, três vezes, que a NATO não se moveria «uma polegada» para leste. Bush, Kohl, Mitterrand e Thatcher disseram coisas semelhantes. Provam-no os documentos publicados em 2017 pelo [National Security Archive](#).

Mas nenhuma dessas frases acabou num tratado. O da reunificação alemã proíbe apenas tropas estrangeiras da NATO e armas nucleares na antiga Alemanha de Leste. Em 2014 o próprio Gorbachev disse que o alargamento a Leste não foi discutido naqueles anos; acrescentou, porém, que o Ocidente tinha traído o seu espírito ([Academia Federal Alemã de Política de Segurança](#)).

O QUE MOSCOVO ASSINO

- **Helsínquia 1975 e Istambul 1999:** cada Estado escolhe livremente as suas alianças. A [Carta de Istambul](#) acrescenta que ninguém deve reforçar a sua segurança à custa da dos outros, o argumento que Moscovo sempre usou, e que ninguém pode considerar uma parte da Europa como a sua «esfera de influência». As duas coisas estão no mesmo parágrafo.
- **Budapeste 1994:** a Ucrânia renuncia às armas nucleares ex-soviéticas; a Rússia, os Estados Unidos e o Reino Unido comprometem-se a respeitar as suas fronteiras.
- **Ato Fundador NATO–Rússia, 1997:** nenhuma das partes tem direito de veto sobre as decisões da outra.

E foram os países do Leste que pediram para entrar na NATO: a Polónia, a Hungria, a República Checa e os países bálticos lembravam-se das invasões e ocupações soviéticas.

DA COOPERAÇÃO AO CONFRONTO

1999. A Polónia, a Hungria e a República Checa entram na NATO. No mesmo ano a NATO bombardeia a Sérvia por causa do Kosovo sem o aval da ONU. Moscovo não o esquecerá.

2002. Ainda é tempo de cooperação: nasce o Conselho NATO–Rússia. Nesses meses, ao lado do presidente ucraniano Kuchma, Putin diz que as relações entre a Ucrânia e a NATO são «um assunto entre esses dois parceiros» ([Kremlin](#)).

2007-2008. Em Munique, Putin ataca abertamente a ordem liderada pelos Estados Unidos. Os avisos chegam também do Ocidente: já em 1997 o diplomata norte-americano George Kennan tinha chamado ao alargamento o erro mais grave da política norte-americana desde a Guerra Fria ([New York Times, 5/2/1997](#)). Em fevereiro de 2008 o embaixador norte-americano em Moscovo, William Burns, escreve a Washington que a Ucrânia na NATO é, para toda a classe dirigente russa, a linha vermelha mais nítida (telegrama publicado pela WikiLeaks, [Fair Observer](#)).

Em abril, na cimeira de Bucareste, a NATO anuncia que a Ucrânia e a Geórgia «tornar-se-ão membros» ([NATO, 3/4/2008](#)), mas a Alemanha e a França bloqueiam o caminho concreto de adesão. Resultado: Moscovo sente-se ameaçada e Kyiv fica sem proteção. Em agosto rebenta a guerra na Geórgia; um inquérito encomendado pela União Europeia concluirá que Tbilissi disparou primeiro, mas que a resposta russa foi além dos limites da defesa ([RTÉ, sobre o relatório Tagliavini](#)).

Nem então o caminho estava traçado: em 2010 os Estados Unidos e a Rússia assinam um novo tratado sobre armas nucleares, e em 2012 a Rússia entra na Organização Mundial do Comércio,

com o aplauso europeu ([EUI](#)).

2013: DOIS MERCADOS PARA UM PAÍS

A verdadeira rutura nasce de uma disputa económica. Moscovo quer a Ucrânia na sua união aduaneira; Bruxelas oferece-lhe um acordo de comércio livre. Não se pode ter os dois.

Em agosto de 2013 a Rússia bloqueia durante uma semana as mercadorias ucranianas na fronteira ([OSW](#)). Um conselheiro de Putin chama «suicida» à assinatura com a Europa ([Reuters via Moscow Times](#)). Em novembro o presidente Ianukovitch desiste de assinar; a 17 de dezembro Moscovo concede-lhe 15 mil milhões de dólares e um desconto de um terço no gás ([Moscow Times](#)). É daí que nascem os protestos da praça Maidan.

2014: MAIDAN, CRIMEIA, DONBASS

Maidan. Após três meses de protestos, Ianukovitch foge em fevereiro. Só entre 18 e 20 de fevereiro, no centro de Kyiv, morrem 73 civis e 11 agentes ([Hromadske](#)). Já no início de fevereiro tinha sido divulgada uma chamada interceptada em que a diplomata norte-americana Victoria Nuland discutia com o embaixador quem deveria entrar no governo e insultava a União Europeia ([MPR, segundo a AP](#)): Washington queria pesar, e não estava de acordo com Bruxelas.

A extrema-direita. Existia e estava armada. O batalhão Azov nasce em 2014 e o seu primeiro comandante vinha de um grupo neonazi; em 2018 o Congresso norte-americano proíbe o seu financiamento ([The Hill, retomado pelo congressista Ro Khanna](#)). Mas nas urnas pesa pouco: em 2019 toda a extrema-direita unida obtém 2,15 % e fica fora do Parlamento ([Swedish Institute of International Affairs](#)). No mesmo ano Zelensky, de família judia, vence com 73 %.

Crimeia e Donbass. Em março a Rússia anexa a Crimeia; a Assembleia Geral da ONU declara o referendo inválido, com 100 votos a favor, 11 contra e 58 abstenções ([Library of Congress](#)). Em abril um grupo armado liderado por Igor Girkin, antigo oficial dos serviços russos, toma Sloviansk. Girkin dirá que «puxou o gatilho da guerra», admitindo porém que no verão a maioria dos combatentes era local ([Moscow Times](#)). Em 2025 o Tribunal Europeu dos Direitos Humanos estabeleceu que a Rússia controlava as zonas separatistas desde 11 de maio de 2014, e que é responsável pelo abate do voo MH17 ([TEDH, 9/7/2025](#)).

Odessa. A 2 de maio os confrontos entre pró-ucranianos e pró-russos fazem 48 mortos; 42 morrem no incêndio da Casa dos Sindicatos, onde os pró-russos se tinham barricado ([Kyiv Post](#)). Em 2025 o Tribunal Europeu condenou a Ucrânia por não ter prevenido a violência, socorrido as vítimas nem investigado como devia ([TEDH, 13/3/2025](#)).

Os mortos. De 2014 a 2021 a ONU conta cerca de 14 300 mortos, dos quais pelo menos 3404 civis, a maioria nos dois primeiros anos ([ACNUDH](#)).

MINSK: UM ACORDO QUE NINGUÉM RESPEITOU

Os acordos de Minsk (2014-2015) previam um cessar-fogo, a retirada das armas e das forças estrangeiras e autonomia para o Donbass. Nunca foram aplicados. Em 2022 Merkel disse que Minsk também tinha servido para dar tempo à Ucrânia para se fortalecer ([TASS, sobre o Die Zeit](#)): para Moscovo é a prova da má-fé ocidental. Mas a Rússia nunca retirou as suas forças, como o acordo exigia.

AS ÚLTIMAS SEMANAS

Nos dias anteriores à invasão, os observadores da OSCE registam um pico de disparos ao longo da frente: em Donetsk, entre 18 e 20 de fevereiro de 2022, mais de 2100 violações do cessar-fogo ([OSCE](#)). Cada parte acusa a outra.

Moscovo justifica a invasão com um alegado «genocídio» dos russófonos do Donbass. Em março de 2022 o Tribunal Internacional de Justiça diz não ter provas desse genocídio ([TII](#)).

A NOSSA AVALIAÇÃO

Esta secção exprime a posição do sítio. Está separada dos factos expostos acima.

Explicar não é justificar. O Ocidente deu garantias verbais e depois ignorou-as, não ouviu os seus próprios diplomatas e em Bucareste escolheu o pior caminho: anunciar a adesão sem a conceder. Washington tentou influenciar o governo nascido do Maidan. Na Ucrânia a extrema-direita armada foi tolerada demasiado tempo, e em Odessa o Estado falhou. São factos, e um relato honesto tem de os incluir.

Mas a Rússia tinha assinado o direito de cada Estado a escolher as suas alianças e tinha garantido as fronteiras ucranianas. Usou o bloqueio comercial para impedir Kyiv de fazer uma escolha económica, e depois tomou a Crimeia e o Donbass. Nenhum erro ocidental torna lícita uma invasão: a Carta da ONU proíbe o uso da força a todos, mesmo a quem se sente ameaçado. É a mesma medida que usamos com Washington, e tem de ser usada também com Moscovo.

O QUE ACOMPANHAR

- A próxima peça da série: as escolhas europeias depois de 2022 e quanto custaram.

- As queixas individuais contra a Rússia no Tribunal Europeu dos Direitos Humanos, abertas pela sentença de julho de 2025.

Fontes: [National Security Archive](#) · [Academia Federal Alemã de Política de Segurança](#) · [Carta de Istambul](#) · [Kremlin](#) · [New York Times, 5/2/1997](#) · [Fair Observer](#) · [NATO, 3/4/2008](#) · [RTÉ, sobre o relatório Tagliavini](#) · [EUI](#) · [OSW](#) · [Reuters via Moscow Times](#) · [Moscow Times](#) · [Hromadske](#) · [MPR, segundo a AP](#) · [The Hill, retomado pelo congressista Ro Khanna](#) · [Swedish Institute of International Affairs](#) · [Library of Congress](#) · [Moscow Times](#) · [TEDH, 9/7/2025](#) · [Kyiv Post](#) · [TEDH, 13/3/2025](#) · [ACNUDH](#) · [TASS, sobre o Die Zeit](#) · [OSCE](#) · [TIJ](#).

N3R1-70 — I Will Not Look Away — Versão online: <https://iwillnotlookaway.org/s/pt/serie-escolhas-da-europa-texto-completo.html>